

Muito mais ocupação do que recreação: a construção de perfis de leituras de professores universitários brasileiros e portugueses*

Hércules Tolêdo Corrêa**

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir práticas de leitura e processos de formação de leitores a partir de quatro entrevistas semi-estruturadas realizadas com professores universitários brasileiros e portugueses com elevado nível de escolarização. Serviu de base teórica para a discussão dos resultados uma categorização de leituras proposta por Kenneth Goodman. Em termos metodológicos, baseamo-nos em estudos da sociologia da leitura e das práticas culturais, em especial nos trabalhos de Bernard Lahire e Pierre Bourdieu. Os resultados apontam para uma predominância das leituras ocupacionais, em detrimento das leituras recreativas, que são sempre relegadas a um “quando der” e a um “se calhar”. Discute-se, entretanto, que essas leituras ocupacionais podem proporcionar tanto prazer e satisfação quanto proporcionam algumas leituras recreativas, embora não sejam feitas de modo “descompromissado” ou “desinteressado”. Com relação aos processos de formação de leitores, ressaltam-se as influências familiares e escolares, além do esforço e do mérito na construção de capitais culturais.

Palavras-chave: letramentos; práticas de leitura; formação de leitores.

Abstract

This article aims at discussing reading practices and processes of readers' formation based on four semi-structured interviews with Brazilian and Portuguese professors. A reading categorization proposed by Kenneth Goodman was the theoretical background for the discussion of the results. The methodology was based on studies of reading sociology and cultural practices, mainly those by Bernard Lahire and Pierre Bourdieu. The results show the predominance of occupational readings rather than recreational readings which are always postponed to “quando der (when it is possible)” or “se calhar (if it is the case)”. But we discuss that these occupational readings may provide as much pleasure and leisure as the recreational readings, although they are not done in an “uncommitted” or “uninterested” way. In regard to the processes of readers' formation, familiar and school influences as well as the effort and merit in the construction of cultural capitals should be emphasized.

Key words: literacies; reading practices; readers' formation.

Este artigo tem como objetivo discutir representações sobre algumas práticas de letramento, de forma mais enfática a leitura, bem como processos de formação de

* Este trabalho se insere no âmbito de uma pesquisa de pós-doutoramento intitulada Práticas e representações de letramentos/literacias no Brasil e em Portugal, desenvolvida no biênio 2007/2008, com a realização de um estágio científico avançado na Universidade do Minho, nos meses de maio e junho de 2007, para coleta de dados, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria de Lourdes Dionísio.

** Registro e agradeço a participação dos alunos Fabíola Junqueira Toussaint Pereira, Marília Salgado Vilas Boas Safar, Mônica Reis de Castro, Sirlene Conceição Pires de Melo, Tatiana Adelino Faria e Wellington Pedro da Silva, do curso de Letras do Uni-BH, na coleta de dados realizada em Belo Horizonte e na transcrição das entrevistas realizadas no Brasil e em Portugal. Agradeço, ainda, a participação entusiasmada dos alunos nas discussões dos pressupostos teóricos e as contribuições na análise dos dados, através da redação das primeiras versões dos perfis de leitura que ora são apresentados.

leitores. Trata-se de um trabalho de natureza qualitativa e, portanto, escolhemos como sujeitos desta pesquisa uma amostra de professores universitários, brasileiros e portugueses, oriundos de diferentes áreas do conhecimento. Aqui, analisamos apenas parte dos dados coletados e, para tanto, selecionamos quatro entrevistas semi-estruturadas: duas entrevistas com professores brasileiros e duas, com professores portugueses.

O que e como lêem os professores universitários? Quais são as representações que esses profissionais têm da leitura? Com que finalidade lêem? Como se formaram esses leitores? Quais foram as principais influências nos processos de letramento? Essas são as perguntas básicas que propusemos aos entrevistados, formuladas com base no questionário do INAF¹.

Pesquisas sobre diferentes modos de letramentos – os multiletramentos –, emergentes no panorama acadêmico internacional², têm como característica abordagens interdisciplinares. Desta maneira, trabalhamos aqui na interface dos estudos lingüísticos e literários, da área de Letras, e também na interface dos estudos educacionais e sociológicos, no campo da sociologia da educação e das práticas culturais. Procuramos, assim, cotejar saberes diversos, a fim de melhor compreendermos esse fenômeno multifacetado que é o letramento.

I - Representações sobre a leitura no imaginário popular

Ilustramos algumas concepções que se tem da leitura através do relato de duas situações. Em certo momento de minha vida, eu trabalhava num órgão público e uma das minhas tarefas era identificar, em jornais oficiais, a publicação de documentos de interesse da instituição para a qual eu prestava meus serviços. Portanto, uma boa parte da manhã eu dedicava à leitura dos jornais. Um dos contínuos da repartição pública comentava sempre comigo que pela manhã eu estava folgado, pois minha tarefa era a

¹ O Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF é, hoje, uma das mais importantes pesquisas sobre índices de letramento no Brasil. Dados sobre as diferentes edições desse indicador estão disponíveis no *site*: <http://www.ipm.org.br/>

leitura dos jornais, como se isso não me ocupasse tempo nem me fizesse despendar energia. Um outro episódio que gostaria de relatar aconteceu com um amigo meu. Estava ele terminando a sua tese de doutorado e, portanto, licenciado de suas atribuições na universidade em que trabalhava. Certo dia, sua empregada doméstica, pensando que ele não estava em casa, fez o seguinte comentário ao telefone: “O seu Fulano de Tal outro dia me disse que está muito cansado. Não sei de quê, se ele passa o dia todo sentado, lendo. De vez em quando, ele escreve alguma coisa no computador.” Essas duas situações servem para ilustrar como normalmente as pessoas vêem a leitura, como um “não estar fazendo nada” ou uma mera recreação. O título deste trabalho já aponta para uma desconstrução dessa idéia do senso comum. Muito mais do que recreação, a leitura representa, na vida dos sujeitos de nosso trabalho, uma ocupação, já que se trata de trabalho inerente à profissão intelectual. Ainda assim, pelo lugar “superior” que ocupa na vida desses sujeitos, constitui também momentos de lazer e descontração.

II – Uma proposta de categorização das leituras

Kenneth Goodman (1994:1115-1117) afirma que as pessoas lêem textos escritos com diferentes objetivos e reconhece que, para entender como a leitura é feita, é preciso entender por que as pessoas lêem. No trabalho citado, Goodman apresenta a seguinte tipologia da leitura:

- a) Leitura ambiental (*environmental reading*): aquela a que somos submetidos nas sociedades civilizadas. Numa grande cidade, por exemplo, a todo momento somos expostos a *outdoors*, cartazes, faixas, panfletos, *flyers*, sinais indicadores de direção, avisos luminosos, placas comerciais.
- b) Leitura ocupacional (*occupational reading*): leitura feita por necessidade de trabalho. Estudos mostram que as pessoas melhor situadas no mercado de trabalho passam grande parte de seu tempo lendo. Algumas leituras ocupacionais são tão rotineiras que podem ser muitas vezes negligenciadas. Por exemplo: um funcionário de um escritório lê normalmente muitos memorandos, notas, relatórios e pode não reconhecer nesses objetos materiais de leitura. Professores normalmente também lêem bastante do ponto

² A 16th European Conference on Reading e o 1th Ibero-American Forum on Literacias, a realizar-se em Braga, Portugal, em julho de 2009, terá como um de seus temas “Multiliteracias e Novas Literacias”.

de vista profissional. A correção de exercícios e provas, por exemplo, constitui leitura. Também a preparação de aulas é feita, normalmente, através de leituras.

c) Leitura informativa (*informational reading*): procurar um nome em uma lista telefônica ou ver a programação da TV constituem práticas de leitura informativa, além da leitura de jornais e revistas, para se informar do que está acontecendo no mundo.

d) Leitura recreativa (*recreational reading*): aquela que se faz descompromissada e desinteressadamente. Pode ser uma leitura ficcional (literatura, revistas em quadrinhos, legendas de filmes) ou não-ficcionais (biografias, livros-reportagem, auto-ajuda). Também se pode fazer uma leitura recreativa de textos informativos, como, por exemplo, a leitura descompromissada da informação do texto jornalístico.

e) Leitura ritualística (*ritualistic reading*): as leituras ritualísticas são feitas em todas as culturas. O ato da leitura torna-se um ritual, como a leitura do Evangelho, num culto religioso, ou a mesma a leitura oralizada em sala de aula. A leitura de uma ata em uma reunião também pode ser considerada ritualística, como também a chamada em sala de aula.

Observa-se que um tipo de leitura não exclui outro. O exemplo dado acima, a chamada em sala de aula, é ao mesmo tempo uma leitura ritualística e uma leitura profissional da parte do professor. Trata-se de um ritual presente nas aulas, mas trata-se também de uma obrigação do professor. No senso comum, costuma-se falar em “leituras por obrigação” e “leituras por devoção”, quando se pensa em uma tipologia da leitura. Essa dicotomia parece ser pouco produtiva do ponto de vista científico. Normalmente, quando se fala em leitura por devoção, refere-se à leitura daqueles textos em que se faz por mera distração, próximo à leitura recreativa. A leitura por obrigação seria aquela próxima à leitura ocupacional. Nada impede que uma leitura ocupacional possa ocorrer como forma de prazer. Para pesquisadores, por exemplo, a leitura de textos científicos pode ser extremamente prazerosa. Acredita-se, de maneira geral, que leituras recreativas e leituras ocupacionais estejam intimamente ligadas aos domínios discursivos dos textos que são objeto do ato de ler. Assim, por exemplo, a leitura de romances e poemas proporcionaria prazer, enquanto a leitura de um texto científico, como um artigo ou uma tese de doutorado, seria meramente objeto de uma leitura ocupacional. Quando se pensa no leitor comum isso pode corresponder de certo modo à verdade, se é que o leitor

comum lê uma tese de doutorado. Mas quando se pensa num leitor como aqueles que constituem aqui o nosso grupo de sujeitos, é preciso repensar essa assertiva. Um professor universitário de literatura, ao preparar suas aulas ou ao ler um romance para produzir um artigo científico, faz uma leitura ocupacional de um objeto que é, normalmente, uma obra caracterizada como de leitura recreativa para outras pessoas. Mas se o professor universitário está fazendo uma leitura profissional, ocupacional de um texto literário, isso não significa que ele não possa ter prazer nessa ocupação. Por outro lado, um professor universitário da área de Biologia, por exemplo, quando lê um artigo científico de sua área, também pode estar fazendo uma leitura prazerosa enquanto trabalha. Li, há poucos dias, num livro científico – embora o público leitor especificado na obra fosse o aluno de graduação ou o iniciante na área –, que dificilmente algum leitor levaria aquele livro para a cama, na hora de deitar, como comumente se faz com um romance ou um livro de poemas. Ora, estava eu exatamente, naquele momento, já deitado para dormir. Ao escolher, dentre os livros que estavam sobre a minha mesa de trabalho, um exemplar para me acompanhar no leito, decidi-me pelo livro técnico, enquanto tinha à minha disposição uma variedade de livros literários que aguardam a minha leitura.

Percebe-se que o que está em jogo não é o texto ou o leitor, mas o ato de leitura em si. Pensar numa categorização da leitura é muito mais produtivo do ponto de vista científico, hoje, do que uma categorização do leitor. Também pelo fato de os processos de letramento constituírem objetos complexos, que operam em vários níveis – cognitivo, lingüístico, mecânico, físico, biológico, afetivo, social³ – é importante essa abordagem inter e multidisciplinar.

III - Método de coleta de dados

Caracterização breve do método escolhido

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com doze professores universitários, seis brasileiros e seis portugueses, oriundos de diferentes áreas de graduação e de pós-

³ Ver, por exemplo, estudos sobre letramentos sociais, como GEE, 2001.

graduação. Para análise neste artigo, foram selecionadas quatro entrevistas. As entrevistas foram analisadas com base na categorização de leituras proposta por Goodman (1994) e em estudos no âmbito de uma sociologia da leitura e das práticas culturais, em especial nos trabalhos de Bernard Lahire (1997 e 2004) e Pierre Bourdieu (1998).

Com relação à categorização proposta por Goodman (1994), foi dada ênfase, nas perguntas da entrevista, às leituras profissionais, informativas e recreativas, uma vez que as leituras ambientais e ritualísticas são mais difíceis de se mensurar e, de certa forma, fogem ao escopo pretendido com este trabalho.

Os dois primeiros entrevistados são da área de Letras. O primeiro entrevistado é o Prof. Vicente⁴. Trata-se de um professor com cerca de 40 anos. Nascido no interior de Minas Gerais, fez graduação em Letras, mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Comparada. O segundo entrevistado é o Prof. Nuno⁵. Trata-se de um professor também com cerca de 40 anos de idade, criado em uma aldeia da região do Minho, no Norte de Portugal⁶. Possui licenciatura em Ensino do Português. Fez provas de aptidão pedagógica e capacidade científica para receber o título de mestre. É doutor na área de Educação - Metodologia do Ensino do Português.

O terceiro professor entrevistado é da área da Saúde, mas atua numa interface com a educação, em termos de pesquisa. Aqui, será denominado Prof. Vasco.⁷ Tem também por volta de 40 anos e atua na região do Minho, em Portugal. O quarto entrevistado é brasileiro e tem graduação e mestrado em Física. No momento da entrevista, o Prof.

⁴ Trata-se de um nome fictício. O nome Prof. Vicente foi usado como forma de se homenagearem os professores do departamento ao qual pertence o entrevistado. Nesse departamento, Vicente é o nome que mais se repete e é também o nome de professores mais antigos do departamento.

⁵ Trata-se, também, de um nome fictício. O nome escolhido justifica-se por ser este um dos nomes mais comuns em Portugal que, diga-se, não permite o registro em cartório com nomes inventados ou estrangeiros, como ocorre com frequência no Brasil. Em Portugal, há uma lista de nomes que são aceitos pelos cartórios notariais, não sendo possível o registro com nomes que não constam dessa lista.

⁶ Curiosamente, o entrevistado nasceu no Rio de Janeiro, porque seu pai emigrara para o Brasil, mas voltou para sua terra natal quando o filho tinha ainda menos de dois anos.

⁷ Trata-se, também, de um nome bastante comum em Portugal.

Newton⁸, como aqui será designado, estava terminando o seu doutoramento em Física, em Belo Horizonte.

Problemas e limitações do método

De antemão, é preciso ressaltar que o método de coleta de dados, através de uma única entrevista, mostrou-se adequado para uma primeira análise dos dados e a construção de um perfil de leitura e de leitores. Entretanto, esse método deve ser visto com bastante parcimônia e aprimorado para uma próxima coleta de dados, com os mesmos sujeitos, caso haja continuidade da pesquisa. O sociólogo francês Bernard Lahire e seus colaboradores, no livro *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais* (2004), ao exporem seus estudos de casos (diferentemente dos perfis apresentados na obra *As razões do improvável*, de 1997), apresentam um método de coleta de dados com sujeitos dispostos a falar de suas experiências familiares, escolares, profissionais e relacionadas à saúde, constituído de um conjunto de entrevistas longas – cerca de três horas cada –, além da observação do entorno dos seus entrevistados: moradia e ambiente profissional. Obviamente, com todo o esforço despendido, esse trabalho rendeu muito mais frutos. Nem de longe pretendemos ter aqui o aprofundamento e a densidade obtidos pelo grupo de sociólogos da educação franceses, embora tenhamos nos inspirado na sua “forma de narrar” os perfis, publicados no livro editado no Brasil em 1997, e os estudos de caso, publicados no livro brasileiro de 2004. Também as limitações de espaço e do gênero, artigo de um periódico eletrônico, restringem consideravelmente as possibilidades de análise aqui apresentadas.

IV – Apresentação e análise dos dados

Para analisar os dados coletados nesta pesquisa fizemos a opção de utilizar o perfil: um gênero textual científico livremente inspirado no domínio literário. Bernard Lahire (1997), em *As razões do improvável: sucesso escolar nos meios populares*, ao definir o perfil como gênero textual do domínio científico, compara-o à pintura, dizendo que, se por um lado os dados apresentados no perfil constituem a pintura em si, por outro lado,

⁸ A escolha do nome é uma referência ao cientista Isaac Newton.

o perfil também deve deixar transparecer a maneira de pintar, o ponto de vista a partir do qual o pintor observa e explicita o seu mundo. Inspiramo-nos também, neste artigo, no trabalho *Retratos sociológicos*, de Bernard Lahire e colaboradores (2004), resguardadas as diferenças dos objetivos, dos processos de coletas de dados e de formação existentes entre os pesquisadores. Tomamos os procedimentos metodológicos do grupo de sociólogos franceses apenas por base, como uma maneira de apresentar os dados coletados de forma narrativa, entremeando frases ditas pelos entrevistados com nossas opiniões e percepções sobre aquilo que foi dito.

Perfil 1 - A leitura disciplinada do Professor Vicente

Por sua entrevista, o Prof. Vicente deixa transparecer o seu sério compromisso com as leituras ocupacionais: menciona a preparação das aulas, ressaltando que normalmente são mantidas as suas disciplinas no curso de graduação, o que diminui um pouco esse trabalho, mas ressaltando a leitura dos textos relacionados ao seu trabalho de pesquisa. O entrevistado, pela disponibilidade em contribuir como sujeito desta pesquisa, pela maneira de responder às questões formuladas e por responder reflexiva e ponderadamente as questões formuladas, deixa entrever o seu comprometimento com a sua formação, revelando a realização de um projeto acadêmico. Do seu discurso, emergem expressões como “formação própria” e “garantir uma discussão, uma reflexão”, o que, a nosso ver, também demonstra esse compromisso com o trabalho, revelando a importância que atribui também à atividade de pesquisador, que se vincula à atividade docente.

Ao mesmo tempo em que desenvolve a sua pesquisa institucional, o Prof. Vicente desenvolve um projeto de pesquisa pessoal, relacionado à memória de um determinado grupo identitário, e também prepara um livro, uma espécie de romance-reportagem, que demanda pesquisas em arquivos públicos para leitura de jornais e outros materiais da época do evento pesquisado.

Com o desenvolvimento de tantos projetos, o entrevistado diz que “Falta tempo para as leituras de prazer, de lazer propriamente dito, a literatura propriamente dita, que é o meu

campo de trabalho, a gente fica consolado, estou lá relendo *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que é o próximo texto literário que vai ser discutido em uma das disciplinas... ficam lá vários livros aguardando um feriado, um período de férias, para serem lidos”. Por seu discurso, pode-se notar que o Prof. Vicente classifica as suas leituras como ocupacionais, predominantemente, relatando que as leituras recreativas ficam à espera de um feriado ou das férias. Ressalte-se, entretanto, que o discurso do entrevistado deixa entrever também a sua satisfação quando realiza as suas leituras ocupacionais. Não apenas no “consolo” que é reler *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mas também por suas opções ao desenvolver projetos de pesquisa paralelos ao seu trabalho acadêmico.

A resposta à pergunta sobre as leituras informativas aponta para a disciplina do leitor, que assina um jornal diário e que, “quando não dá para ler o jornal do dia”, lê o jornal no dia seguinte, ou nos dias subseqüentes.” Além desse jornal diário, o entrevistado diz comprar “outros jornais, por causa dos suplementos literários e também para variar um pouco o ponto de vista editorial, a forma de abordagem das notícias”, no final de semana. E ainda conclui “Compro também, no final de semana, um jornal de Belo Horizonte que tem uma coluna que me interessa”, coluna essa que se relaciona à comunidade identitária que pesquisa.

Nas entrevistas realizadas posteriormente, não encontramos nenhum outro leitor que tenha revelado, no seu discurso, a disciplina do Prof. Vicente. O entrevistado demonstrou ser atualmente um leitor assíduo. Possui uma biblioteca pessoal com cerca de 3.500 exemplares reunidos durante sua trajetória acadêmica. Sobre seu acervo de livros, jornais e revistas, revela que “Vez por outra eu seleciono os livros e revistas que não serão de uso constante e dão para alguma biblioteca.”

Ao ser interrogado sobre as leituras que mais marcaram a sua vida, o entrevistado se lembrou do livro *O escaravelho do diabo*, de Lúcia Machado de Almeida, que de certa forma “fundou” o seu gosto pela leitura de ficção. Falou ainda da importância que autores românticos brasileiros como José de Alencar e Bernardo Guimarães tiveram na sua formação, ressaltando que essas leituras eram ainda “de uma maneira mais perdida”. A expressão utilizada pelo entrevistado revela um modo de ler típico do leitor em

formação, que não tem a clareza, por exemplo, da percepção de traços que configuram uma qualidade literária, como faz o leitor especialista, como um professor universitário de literatura. O conhecimento e conseqüentemente o gosto pela literatura do século XX parece ter-se iniciado durante a sua graduação, quando o entrevistado teve contato com textos de escritores como Lúcio Cardoso e Clarice Lispector.

A fala do entrevistado mostra também o seu forte investimento em uma determinada prática cultural, que é a sua relação com o cinema. Tem o hábito de ir ao cinema praticamente todas as semanas.

Sobre a sua fase inicial de escolarização, o entrevistado relatou que sua avó materna e sua mãe eram professoras primárias. Ao contrário da avó, a mãe do entrevistado não tinha maior afinidade com a leitura, embora fosse professora. O Prof. Vicente relatou que tem um irmão alguns anos mais velho que é professor do Ensino Médio e que se tornou uma espécie de modelo a ser seguido durante um certo tempo. Sua infância foi cercada por pessoas que desenvolveram papel importante na transmissão de narrativas infantis de tradição oral, de origem européia, e de mitos populares brasileiros (na voz da empregada da casa). O entrevistado relatou que, ao chegar à instituição escolar, já sabia ler e ligar algumas sílabas ensinadas por sua avó.

De acordo com o entrevistado, a escola não teve um papel considerado tão importante em sua aquisição da leitura e da escrita. Em certo momento, chega a dizer, inclusive, que as narrativas ouvidas em casa eram mais interessantes que aquelas trabalhadas na escola. Posteriormente, tanto a família quanto a sua trajetória escolar contribuíram para as suas escolhas acadêmicas.

Observa-se pelos dados que serviram de base para a construção desse perfil inicial do “leitor disciplinado”, que um certo capital cultural – como designa Pierre Bourdieu ao poder advindo da produção, da posse, da apreciação ou do consumo de bens culturais socialmente dominantes - foi herdado pelo entrevistado. Avó e mãe professoras, irmão mais velho professor, narrativas orais ouvidas em casa constituíram a base do capital cultural herdado pelo entrevistado que, em sua adolescência, foi-se fortalecendo, com a

aquisição de capital cultural pela leitura de livros amplamente divulgados na escola brasileira dos anos 70, como a Coleção Vaga-Lume. As leituras posteriores e as opções acadêmicas, iniciadas com a graduação e verticalizadas pela construção de uma trajetória acadêmica, com a realização de um mestrado e um doutorado na área da Literatura, mais as suas opções pela realização de projetos de pesquisa institucionais ou particulares, as leituras constantes de jornais e as idas regulares ao cinema caracterizam esse leitor como disciplinado e detentor de um capital cultural incorporado. É possível observar nesse entrevistado a internalização de certas habilidades lingüísticas, uma postura corporal característica, crenças, conhecimentos, preferências, hábitos e comportamentos relacionados à cultura dominante e institucionalizada, expressa na posse de certificados escolares, que tendem a ser socialmente utilizados como atestados de certa formação cultural.

Perfil 2 – A leitura acadêmica do Professor Nuno

A entrevista realizada com o Prof. Nuno, pouco tempo depois que ele havia defendido a sua tese de doutoramento, revela a sua dedicação quase que exclusiva às leituras ocupacionais específicas com relação ao seu trabalho acadêmico. Essa é uma situação típica vivida pelos doutorandos de diferentes áreas do conhecimento, tanto no Brasil, como demonstra a minha própria experiência e a minha inserção no mundo acadêmico brasileiro, como em Portugal, pelo que pude presenciar no tempo em que lá realizei meu estágio. O envolvimento com o trabalho acadêmico já motivou Mário Prata à escrita de uma divertida crônica, inclusive. Nesse texto, uma criança, cansada de ver os pais completamente envolvidos em suas teses, sem nenhum tempo para se dedicarem a ela, em determinado momento dá o ultimato: “Não quero mais estudar!”

O investimento em atividades culturais do Prof. Nuno é dificultado por sua forma de configuração familiar. Ao ser perguntado sobre sua frequência a cinema, *shows*, museus, enfim, programas culturais, o Prof. Nuno esclarece: “infelizmente, agora não por causa da tese, mas sobretudo por causa do nascimento do nosso filho e do fato de nós não termos ninguém que nos possa apoiar, ficando com o miúdo para uma ida ao

cinema, ao teatro ou a outra atividade qualquer, nos últimos anos tenho visto muito reduzidas essas participações.”

O entrevistado diz reconhecer a importância de participar de atividades desse tipo, até mesmo para estabelecer relações entre literatura, cinema e outras artes, por exemplo, mas ressalta sempre que suas condições pessoais não permitem. É preciso, aqui, lembrar que o Prof. Nuno vive numa cidade com cerca de 200 mil habitantes, no norte de Portugal que, embora ofereça uma programação cultural, a parte de cinema, por exemplo, está longe da oferta de uma metrópole como Belo Horizonte. Há salas de cinemas em dois *Shopping Centers* da cidade, mas as sessões dos chamados “filmes de culto” (tradução portuguesa para o que chamamos, no Brasil, de filmes *cult*) são realizadas apenas uma vez por dia, às 19 horas, e um mesmo filme fica em cartaz durante uma semana. Por outro lado, a cidade tem vários museus, tem um grande teatro, festivais de teatro com espetáculos na rua, festas artístico-culturais que rememoram o tempo dos romanos, sessões de filmes na Universidade. Vale lembrar que se trata de uma cidade universitária e que fica a menos de uma hora da cidade do Porto, a segunda maior cidade portuguesa, que tem uma vida cultural bem mais agitada.

O entrevistado relata que, no período de sua formação universitária, licenciatura em Ensino do Português (nome corresponde ao curso de Letras, habilitação em Português aqui no Brasil), suas leituras mais frequentes eram os clássicos da literatura portuguesa: “(...) que nunca eram lidos como uma leitura de fruição e de conhecimento (...)”, esclarecendo que depois, durante seu percurso intelectual, fez uma movimentação “no sentido de reler alguns desses clássicos.”

No momento em que foi feita a entrevista, depois de concluído o seu doutoramento, o Prof. Nuno disse que tinha “uma série de livros clássicos da literatura universal que gostaria de ler por prazer exclusivamente”, mas não os citou.

Sobre sua formação acadêmica, especificamente a escolha pela área do Ensino de Português, o entrevistado relacionou-a à formação humanística que lhe foi oferecida pelo colégio interno de frades franciscanos no qual estudara. O Prof. Nuno afirmou ter

tido influências positivas de professores de Português, sendo que a curiosidade de conhecer melhor a língua, a literatura e a cultura portuguesa adveio bastante disso.

Com relação ao universo cultural de sua família, o entrevistado disse que seu pai tinha um comércio, “um botequim como vocês dizem”, e que sua mãe e os irmãos dela na aldeia sempre trabalharam na agricultura. Para sua mãe, o dia “mais feliz de sua vida foi quando ela deixou a escola”. Com seu pai, a situação era diferente, pois era um homem que gostava de se informar e de discutir muitos assuntos.

O Prof. Nuno em alguns momentos pareceu não saber se suas influências maiores de leitura foram escolares ou se advieram de seu pai que, mesmo com pouca instrução, era um homem que gostava de se informar. Vale aqui uma observação: algum tempo depois de realizada a entrevista, após refletir melhor sobre as questões propostas, o Prof. Nuno me procurou para reafirmar a importância que os frades tiveram em sua formação de leitor, dizendo que em casa não tinha livros e que, portanto, não havia incentivo à leitura, a despeito da peculiaridade paterna.

Pelo perfil construído a partir da entrevista, o Prof. Nuno não parece ter herdado um capital cultural em seu meio familiar, tendo sido os primeiros responsáveis pela transmissão desse capital os frades franciscanos com os quais ele estudou. As opções acadêmicas e familiares do entrevistado, a despeito da sua formação inicial, encaminharam-no para uma área que provavelmente fizeram com que ele não tivesse um perfil de “leitura disciplinada”, como o do professor brasileiro que, vale ressaltar aqui, tem em sua maneira de viver condições que favorecem essa disciplina, como o fato de ser solteiro, viver sozinho e morar numa cidade que lhe proporciona muitas opções de lazer e cultura.

Perfil 3 – Professor Vasco: um inusitado objeto de pesquisa na área biológica

O professor Vasco é formado em Bioquímica, com doutorado em Biologia, e já no início de sua entrevista enfoca ter sido a escolha dessa área uma opção pessoal, embora mencione também a influência que teve de uma professora de Química. Dado

extremamente relevante, que nos fez optar pela análise neste momento da pesquisa, foi o interesse de um professor dessa área pelas questões da Educação. O professor Vasco leciona no curso de Medicina da Universidade do Minho e diz estar mais preocupado com as questões de ensino do que com as questões mais técnicas de sua área de formação. De sua fala emerge essa preocupação: “A minha atividade investigadora foi, durante o doutoramento, algo excepcional. Encontrei na via do ensino o prazer que não encontrava na parte de investigação pela qual me interesssei.”

Questionado quanto às suas leituras, de maneira geral, pode-se perceber a ênfase que dá às leituras ocupacionais, relacionadas a seu trabalho, mas enfatiza gostar muito da literatura e ter interesse em conhecer a história das coisas. O entrevistado demonstra certo embaraço ao relatar suas leituras, como se pode perceber neste trecho da entrevista: “[...] Também tenho livros que tenho em casa que não têm nada, tenho alguns que têm a ver com estes, e tenho neste momento é a minha aposta de leitura que será mais direcionada para uma literatura mais consagrada, clássica [...]” Demonstra também o desejo de voltar às leituras de “quando era moleque, que ficaram para trás”.

Um fato interessante é que, ao ser interrogado por sua relação com poesias, o entrevistado informa que neste momento não tem relação alguma com esse gênero textual por causa do trabalho, mas que, anteriormente, há mais ou menos uns cinco anos, existia um pequeno grupo de amigos que, por iniciativa dele, encontravam-se informalmente em sua casa para ler poesias e depois fazer comentários sobre elas. Ele diz: “E era uma coisa que dava imenso gozo”. De todos os professores entrevistados nesta pesquisa, este foi o único entrevistado que falou nesta espécie de “clube de leitura”.

O entrevistado disse que não tem muito tempo para atividades culturais, como ir ao teatro e ao cinema: “O mais próximo disso seria alugar a um filme e assisti-lo em casa”. Percebe-se, entretanto, certa contradição, quando o entrevistado menciona seu interesse pela música brasileira: “Raramente perco um espetáculo de música brasileira. Tento não perder o mínimo daquilo que é muito bom. Mas estou a fazer meu trabalho, neste momento”.

Seu processo de alfabetização se deu na escola e demonstra a sua ligação com o magistério através da profissão dos pais: o pai era professor de Física e Química e a mãe, professora de Matemática. Dessa forma, sua alfabetização não foi somente na escola, pois em sua casa havia leitores e livros e sua mãe sempre estimulou o hábito da leitura. O Prof. Vasco também mencionou a avó e sua relação com a leitura: “Ela lia, lia, lia... imenso Jorge Amado, lia imenso Eça de Queirós, lia imenso Camilo Castelo Branco, lia, lia, lia...”. Outro dado importante era o oferecimento de livros em aniversários, pelos pais. Enfim, vivia em um ambiente voltado para a leitura, numa casa onde existiam livros e leitores.

O ambiente familiar e a trajetória do Prof. Vasco apontam para um herdeiro cultural. Filho de professores, mesmo sem ter optado por uma carreira inicialmente ligada ao magistério, o Prof. Vasco opta por ser professor universitário e seu trabalho de investigação é um campo bastante inusitado, pelo menos para nós. Numa escola de Medicina, a opção de pesquisa do docente foi analisar os enunciados das avaliações, do ponto de vista de seus aspectos pedagógicos. Observa-se, dessa maneira, o interesse de investigação do professor-pesquisador, que se volta para as questões do ensino, deixando de lado áreas mais prestigiadas no campo acadêmico das ciências médicas.

Perfil 4 – Professor Newton: um professor que não tem muitos livros

O professor Newton dá aulas no curso de Matemática em um centro universitário particular de Belo Horizonte e também trabalha como pesquisador num centro de pesquisas de energia nuclear, na mesma cidade. Tem por volta de quarenta anos de idade. É casado com uma jornalista e tem uma filha, ainda criança.

De acordo com sua entrevista, pode-se perceber que suas leituras são basicamente ocupacionais e estão voltadas para a sua área de trabalho acadêmico: o professor encontrava-se, naquele momento, em fase de conclusão de tese de doutoramento, na área da Física, com o tema “magnetismo em estruturas”. O Prof. Newton explica que sua opção de leitura “... é bem voltada para o trabalho. Como estou fazendo uma tese para o doutorado, então hoje eu leio basicamente artigos em inglês e diretamente

relacionados ao tema de trabalho. Não só artigos, mas muita coisa de internet, dos grupos de pesquisa. É bem voltado ao trabalho de doutorado, no caso.”

Em suas horas de lazer, o professor revela que lê “um pouco jornal e revista”, mas muito superficial: “São reportagens mais ligadas à área de cultura, um pouco mais fora do que eu faço.”

Pela análise da entrevista, nota-se a concepção restrita do que é leitura, pois afirma: “Eu sempre gostei muito de ler, mas não tenho o hábito de leitura”. O entrevistado deixou transparecer que leitura para ele tem a ver apenas com textos literários, pois fez questão de dizer que faz mais de dez anos que leu um livro de literatura. Declarou que esporadicamente gosta de abrir e ler um livro “de poemas e contos de Carlos Drummond de Andrade.”

Ao ser interrogado se possuía uma biblioteca particular, o entrevistado declarou que há algum tempo ele possuía alguns livros. Porém, em uma determinada época, desfez-se deles e hoje possui poucos, pois prefere consultá-los em outras bibliotecas, em laboratórios ou tomá-los emprestado de colegas. Portanto, dentre os livros que possui em casa, a maioria é de sua esposa, que é formada em jornalismo e que gosta de literatura.

De acordo com a fala do entrevistado, é possível perceber seu grande interesse pelo cinema: além de assistir a filmes em telões, tem também o hábito de assistir a filmes em casa, na TV, em canais pagos.

Em resposta à pergunta sobre o hábito de se contarem histórias na família, antes do seu processo de alfabetização formal, o professor Newton declarou que sua mãe lhe contava muitas histórias, pois ela é “formada em literatura”. Depois de casado, ele manteve essa tradição com sua filha, que hoje tem dez anos. Todas as noites, vai ao quarto dela para contar histórias. Ele comenta que: “ela tem um hábito de leitura maior que o meu com certeza (...). O trabalho da escola também foi legal nesse sentido.”

Em relação à aquisição da escrita, o entrevistado afirma que essa se deu na escola e que ele teve muita facilidade nesse sentido. Na sua adolescência, lia com mais frequência e citou *Capitães de areia*, de Jorge Amado, dentre outros, que lia durante as férias. Quando interrogado sobre livros que o marcaram, o que ele lembra até hoje, por ter sido de difícil leitura, foi o livro *Baú de ossos*, de Pedro Nava, indicado para o vestibular. Argumentou: “achei interessante... a época, as histórias de Belo Horizonte e aí tinha histórias de Carlos Drummond também (...)”. Dentre seus poetas prediletos, durante sua infância, estavam Carlos Drummond e Mário Quintana.

Sobre suas escolhas relativas à formação acadêmica, o entrevistado admitiu que teve dúvida se fazia arquitetura ou artes. Porém, quando viajava para a França encontrou com um professor de Matemática que lhe perguntou com que área tinha mais afinidade. Respondeu que era Física e o professor o encorajou a seguir esse caminho: “guardei isso e acabei fazendo Física.” Hoje, o entrevistado se intitula professor e pesquisador. Começou dando aulas para completar o salário e acabou tomando gosto pela profissão que hoje exerce.

De acordo com o perfil do entrevistado, pode-se dizer que vem de uma família com capital cultural alto, já que sua mãe é professora universitária na área de Letras e o pai também tem uma formação universitária em Agronomia.

Dos quatro selecionados para esta análise, o Prof. Newton é aquele que advém de uma família com mais alto capital cultural, principalmente na sua modalidade institucionalizada, como designa Pierre Bourdieu às formas de capitais culturais mensuráveis pela presença de diplomas e títulos acadêmicos. Curiosamente, é aquele que menos demonstrou interesse pela leitura e pelos livros, não tendo a intenção de construir um capital cultural objetivado – como a posse de livros. Concluir que isso se deve à sua formação na área de Exatas, exclusivamente, é bastante precipitado, acreditamos. Provavelmente, há outros fatores, difíceis de identificar através de uma única entrevista, que conduzem a essa forma de ser e de agir do entrevistado.

Considerações finais

Tendo em vista a área de atuação dos entrevistados, todos professores universitários, envolvidos com projetos de pesquisa, os resultados apontam claramente para uma predominância das leituras ocupacionais, em detrimento das leituras recreativas, que são sempre relegadas a um “quando der” e a um “se calhar”. Argumenta-se, entretanto, que essas leituras ocupacionais podem proporcionar tanto prazer e satisfação quanto proporcionam algumas leituras recreativas, embora não sejam feitas de modo “descompromissado” ou “desinteressado”.

Como ressaltado nos problemas e limites do método de coleta de dados, somos conscientes da necessidade de pesquisas mais amplas que dêem conta dos processos de letramento de sujeitos com elevado nível de escolarização, com histórias de pessoas que se apropriaram do capital cultural herdado e de outras que, a despeito de obstáculos, conseguiram ultrapassar barreiras e se tornaram, mesmo oriundos de camadas de baixos capitais econômico e cultural, exemplos de *self-made-men*. (Neste trabalho específico, analisamos apenas casos de leitores do gênero masculino). Entendemos que esses sujeitos oriundos de classes com baixo capital cultural, ao construírem trajetórias que os levaram a postos elevados na carreira acadêmica, fizeram-no por um esforço pessoal, não sendo, portanto, herdeiros culturais.

Essas histórias de leitura, aqui denominadas perfis, servem de exemplos para alunos de graduação, em formação acadêmica, que constituem o público dos professores universitários, interessados nos diferentes modos e processos de letramentos (literário, científico, filosófico, digital, matemático...), oferecendo subsídios para aqueles que estamos formando para, num futuro bem próximo, ocuparem-se da formação de crianças e adolescentes, leitores do século XXI.

As trajetórias dos professores Vicente e Nuno, principalmente, permitem que se relativize a questão de um determinismo social, econômico e cultural. A mobilidade social é possível, graças a um capital cultural que não precisa ser herdado, mas pode ser construído pelo esforço e mérito individuais.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: BOURDIEU, Pierre. *Escritos sobre educação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GEE, James Paul. Reading as situated language: a sociocognitive perspective. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*. 44:8, 2001.

GOODMAN, Kenneth S. Reading, Writing, and Written Texts: A Transactional Sociopsycholinguistic View. In: RUDDELL, R. B. & al. (Ed.) *Theoretical models and processes of reading*. Newark, Delaware, USA: International Reading Association, 1994. p. 1093-1130.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares*. As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos*. Disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NOGUEIRA, Maria Alice e NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. *Bourdieu & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.